

HIYOKO KURISU

A doceria mágica da Rua do Anoiecer



A decorative graphic consisting of several starburst shapes of varying sizes, arranged in a curved, symmetrical pattern that frames the title. The stars are white and have a soft, glowing appearance.

Prólogo

Olá, seja bem-vindo. É raro recebermos a visita de humanos.

Em geral, apenas espíritos, almas penadas ou pessoas com uma existência instável vêm aqui.

Esta é a área comercial da Rua do Anoitecer, situada no final do *kakuriyo*, o reino espiritual. É um lugar esquecido, onde só moram párias como eu e pessoas sem rumo.

Desculpe, não me apresentei. Meu nome é Kogetsu e sou o proprietário da Doceria Mágica Âmbar. É um prazer conhecer você.

Se veio parar aqui, é sinal de que você também está tomado por alguma angústia. E, de tão intensa, ela deve estar tornando sua existência instável.

Como eu sei disso? Digamos que seja intuição.

Ah, vai querer levar esse doce? Por favor, venha até o balcão que eu o embrulho para você.

Por favor, não olhe para os fundos da loja. Ficou curioso com as grandes prateleiras, não foi? Cá entre nós, recomendo que tome cuidado. Sabe como é, a curiosidade matou o gato...

Mas eu desconheço os efeitos provocados pelos doces mágicos de nossa loja. Portanto siga com atenção o modo de usar e a quantidade que pode ser consumida.

Por fim, um alerta importante: não nos responsabilizamos pelo que pode acontecer.

A decorative graphic consisting of two symmetrical, upward-curving arcs of stars and sparkles, framing the page number and title.

**Balinhas açucaradas
da ambição**

Meu namorado anda muito distante.

A culpa não é dele, eu sei. Ele tem estudado muito para os exames de admissão na faculdade, mas sinto saudades.

Quase não nos falamos mais. “Acho que vai ficar difícil responder às suas mensagens, porque falta pouco para as provas”, ele me avisou, e eu falei que tudo bem, tentando parecer compreensiva. Não sabia que seriam tantos simulados.

“Agradeça por ter um namorado legal!”, “Você está reclamando de barriga cheia”, minhas amigas me dizem. Elas não entendem.

Sou apaixonada por ele desde o fundamental II. Ele estava um ano acima de mim. Na época, ele era presidente do conselho estudantil e eu o achava descolado, inteligente, sociável.

Estudei muito para entrar na mesma escola de ensino médio que ele, mas durante cerca de um ano eu apenas o admirei de longe, até que tomei coragem e finalmente me declarei. Ainda hoje sinto que foi um milagre ele ter aceitado namorar comigo – sou uma garota comum, sem nada de especial em termos de beleza ou inteligência.

Tudo correu às mil maravilhas durante as semanas das férias de primavera, mas foi só começar o terceiro ano que ele mudou para o “modo vestibulando” e o namoro esfriou.

Nem nos fins de semana saíamos para nos divertir. O tempo que passávamos juntos indo e voltando da escola era precioso, mas, depois que começou o cursinho, ele só vive na sala de estudos, mesmo quando não tem aula.

No fundo, isso é melhor do que na época em que eu vivia um amor platônico, mas minha preocupação agora é muito maior.

Não quero que ele me ache egoísta. Também não quero que me veja como uma namorada chata e termine comigo.

Mas sinto falta de vê-lo, ouvir sua voz, ter o carinho dele.

Será que estou exigindo demais? Devo ser paciente e apenas esperar as provas acabarem? Estamos em maio, então ainda há dez meses pela frente.

Mas quando ele entrar na universidade, a distância entre nós só vai aumentar. Ele vai conviver com garotas da faculdade ou do estágio e com certeza vai me esquecer. Será o fim do nosso relacionamento.

Não faz sentido eu me forçar a suportar isso por quase um ano, e no fim tudo terminar.

O que devo fazer? Seria ótimo se ele voltasse a ser o namorado carinhoso que era antes sem que eu precisasse tomar uma atitude. Mas isso é impossível – não existe mágica.



Depois da aula, fui caminhando até um santuário próximo à escola. É um local aconchegante e com pouco movimento, um tanto afastado da área residencial. Fica em uma elevação com árvores ao redor, ao final de uma escadaria de pedra.

Eu costumava ir até ali para rezar na época das provas de admissão para o ensino médio e quando decidi me declarar para meu namorado. Nos dois casos deu tudo certo, por isso desde então passei a ir ao local sempre que estava enfrentando um momento difícil. Tinha certeza de que colegas não costumavam fazer muitos pedidos aos deuses, por isso não comentava sobre o meu hábito com ninguém.

As árvores e a escada ficavam dispostas de uma forma que, ao entrar no átrio, o visitante se via num ambiente de total privacidade. Ali eu ficava inalcançável pelos olhares alheios, o que era bastante conveniente.

Deixei cair uma moeda na caixa de ofertas, toquei o antigo sino e uni as mãos em oração. “Que eu e meu namorado permaneçamos juntos por muito tempo. Que nosso relacionamento se fortaleça cada vez mais.”

Enquanto eu desejava isso serenamente em meu coração, pensamentos sombrios começaram a cruzar minha mente.

Será que meu namorado realmente gostava de mim? Será que ele não estava mantendo o relacionamento apenas para evitar o drama de um rompimento? Talvez ele tivesse me perdido em namoro por pena.

Senti meu rosto esquentar e as lágrimas brotarem.

Eu estava com os nervos à flor da pele. Certa vez, eu tinha lido uma matéria de revista sobre como é chato ter uma namorada grudenta. Eu não queria ser assim. Mas quem é que faz tudo certo em sua primeira experiência amorosa?

Naquele momento, senti uma brisa soprar, trazendo um aroma nostálgico.

– O que é isso?

Para meu espanto, uma clareira se abriu no local onde antes estavam as árvores.

Será que o sacerdote havia mandado cortá-las para que não atrapalhassem a passagem? Mas, se fosse isso, por que limpar somente aquela área?

Um vento vinha daquela direção, trazendo um enigmático aroma de incenso, ou talvez fosse de madeira antiga.

Segurei firme minha mochila e me dirigi até lá, apertando o passo, até vislumbrar por entre as árvores uma paisagem inimaginável.

– Uau...

Era um caminho em linha reta, ladeado por lojas com fachadas de madeira. Lanternas tradicionais, típicas de festivais, pendiam ao longo do caminho.

Uma rua comercial de estilo antigo, banhada pelo laranja do crepúsculo.

– Como assim? – murmurei para mim mesma.

Atrás do santuário havia uma rua? E por que se estendia naquela direção? Era como se o santuário fosse o portão de entrada.

Pressenti algo estranho, mas minha curiosidade falou mais alto, talvez porque o local lembrava muito a estética retrô da Era Showa que eu vira em um filme. Então fui em frente.

Em vez de asfalto, o caminho era coberto por uma areia endurecida pontilhada de seixos.

As lojas, que dificilmente poderiam ser descritas como limpas, estavam quase todas fechadas. Em algumas delas havia uma placa indicando “Fechado”, enquanto outras cerravam as portas pouco antes de eu passar. Havia algo esquisito ali.

Era um pouco assustador não saber pelas fachadas e vitrines o que as lojas vendiam. Em algumas, o letreiro não estava sequer em japonês. Sem iluminação pública, as lanternas suspensas vermelhas e brancas se destacavam, parecendo tão irreais que me provocavam arrepios.

Mesmo assim segui em frente, sem entender bem por quê. Será que minha angústia estava me levando a ter aquele comportamento tão diferente do normal? Em geral sou medrosa, do tipo que não entra sequer na casa mal-assombrada de parques de diversões. Se meu namorado estivesse ali, eu o teria puxado pelo braço e implorado para darmos meia-volta. Talvez.

Quase no final da rua, finalmente avistei uma loja com as luzes acesas. Parecia mais limpa e acolhedora que as demais. Era antiga, mas bem cuidada, com paredes de madeira cor de âmbar e decorada com lanternas de papel cor de pêssego. Havia um visor de vidro na porta de madeira com ornamentos tridimensionais.

No letreiro estava escrito a pincel: *DOCERIA MÁGICA ÂMBAR*.

Por que esse nome? Será que havia doces mágicos ali? E por que a loja fechava no “primeiro dia de lua nova e no primeiro dia de lua cheia”, conforme dizia a placa na entrada?

Bem, pelo menos uma doceria não tentaria me empurrar produtos caros. Eu já estava mesmo querendo comer um docinho e, pensando assim, abri a porta. *Nheec...* Ao som do rangido, o interior fracamente iluminado da loja se descortinou diante de meus olhos.

À luz das luminárias do teto, espalhadas desordenadamente sobre uma mesa que batia na minha cintura, havia

doce típicos japoneses, como *daifuku* e *manju*, e outros mais comuns e baratos, como balas, confeitos e caramelos.

– Seja bem-vinda. É raro recebermos a visita de humanos.

Levei um susto com a voz que veio da escuridão. Olhei para os fundos da loja e vi um lindo rapaz de cabelos loiros vestindo um *hakama* tradicional. Devia ter uns 25 anos. De estreitos olhos dourados e pele alva, não aparentava ser japonês. Por um instante tive a impressão de ver, por sobre seus cabelos de tamanho médio, orelhas marrom como as de uma raposa. Mas devia ter sido impressão minha, claro.

– Boa tarde... Como assim não recebem muitos humanos?

Os cantos da boca do rapaz se elevaram ligeiramente. Esse esboço de sorriso o fez parecer um fantoche elaborado.

– Aqui é a área comercial da Rua do Anoitecer, a fronteira entre o mundo real e o mundo dos espíritos. Apenas almas penadas, espíritos ou seres humanos com uma existência instável, como você, vêm até aqui.

– Como é que é?

A explicação me surpreendeu, mas logo entendi. Devia ser o conceito da loja, de utilizar um cenário de fantasia e proporcionar uma experiência como a de parques temáticos.

Eu sabia que nos últimos tempos vinha aumentando o número de cafés e lojas do gênero, mas era difícil imaginar que um estabelecimento daquele tipo num local tão remoto caísse nas graças do público.

– Desculpe, não me apresentei. Meu nome é Kogetsu e sou o proprietário da Doceria Mágica Âmbar.

Ele me saudou com um aceno de cabeça. Sua voz era contida e um pouco aguda para um homem.

– Hã... prazer. Você é uma raposa? – perguntei, suspeitando que as orelhas fossem parte de um traje de cosplay.

Não pude deixar de comentar, afinal, talvez eu fosse a primeira cliente em muito tempo e o rapaz estivesse entusiasmado para fazer sua encenação.

– Só metade – disse ele. – Você é perspicaz.

– Metade? – falei, esperando que ele explicasse, mas Kogetsu não falou mais nada.

Tentei outro caminho:

– E por que a loja fecha nos primeiros dias de luas nova e cheia?

– Como tenho uma existência intermediária, não me sinto bem quando o poder lunar é muito forte ou muito fraco. Então fecho a loja para descansar – respondeu ele.

Será que isso tinha algo a ver com o que ele havia dito sobre ser “metade raposa”? Bem, se ele descansava apenas dois dias por mês, era natural que se sentisse cansado... Parecia não haver outros funcionários. Ele devia gerenciar a loja sozinho.

Que desperdício, um homem tão lindo administrando uma loja tão vazia, eu pensava, enquanto observava os produtos expostos.

– Quando nos encontramos em uma existência instável, é por algum motivo. Você está angustiada com alguma coisa, não está?

Ao ouvir isso, quase deixei cair o pote de balas que tinha pegado de uma prateleira.

– C-como você sabe?

Automaticamente me virei, fitando os olhos dourados de Kogetsu. Seus cílios eram da mesma cor e incrivelmente longos.

– Experiência e intuição – disse ele apenas. – Ah! Vejo que você gostou dessas balinhas açucaradas.

– Eu... bem...

Ao ver que eu segurava o pote redondo e transparente de *konpeitos* coloridos, Kogetsu abriu um sorriso. Em diferentes tons de lilás e azul-claro, as balinhas pareciam hortênsias. Eram muito lindas, mas não foi a cor o que me chamou a atenção.

– Fiquei intrigada com o nome...

Todos os doces à venda tinham algum acréscimo incomum. Em vez de serem apenas *mamedaifuku* ou *dorayaki*, tinham algum tipo de elemento modificador. Os que eu tinha pegado eram “balinhas açucaradas da ambição”. Eu me questionei se as escolhi por ser uma pessoa ambiciosa.

– Essas balas fazem pequenas coisas boas acontecerem quando você as come. Mas só pode comer uma por dia. – Ele disse isso levando o dedo indicador aos lábios como se contasse um segredo.

– Ah, entendo – falei. – Essa é a razão da “ambição” no nome, então. Mas não é difícil comer apenas uma por dia?

– De fato... Mas não nos responsabilizamos por nada que aconteça caso você infrinja a regra.

Meu coração começou a bater forte e acelerado. Kogetsu tinha uma expressão fria no rosto.

O que ele queria dizer com aquilo? Seu ar de mistério era tão convincente que quase achei que fosse verdade aquela história de doces que faziam coisas acontecerem.

– Vou levar estas.

Para disfarçar o nervosismo, entreguei a Kogetsu a embala-

gem como se minha escolha fosse casual, como se não tivesse nada a ver com aquela fantasia que ele tinha criado.

As balas eram lindas e pareciam deliciosas. E custavam apenas 300 ienes.

O balcão tinha uma caixa registradora antiga, daquelas cujo funcionamento é totalmente mecânico. Kogetsu colocou a embalagem de balas em um saquinho de papel cor sépia.

– Obrigado. Não se esqueça: apenas uma por dia. Siga com atenção o modo de usar e a quantidade.



Já em casa, no meu quarto, ao olhar de relance para as balas, fiquei pensando naquela loja estranha. Talvez o proprietário fosse vidente ou algo assim. Isso explicaria o ar misterioso e toda a dramatização.

Hum, será que devo experimentar uma?

Eu tinha acabado de jantar e ainda não escovara os dentes.

Então levantei da cama e peguei o pacote, que eu havia deixado sobre a escrivaninha. Despejei todo o conteúdo na palma da mão.

Então me lembrei do aviso de Kogetsu.

Devolvi quase todas as balas ao pote, deixando apenas uma comigo. Não que eu estivesse com medo. *Vou entrar no clima*, falei para mim mesma.

Quando a coloquei na boca, senti se espalhar pela língua uma doçura muito mais intensa que de açúcar puro. Era muito doce, porém com um toque de menta que não deixava ficar enjoativa. Que tortura ter que comer apenas uma.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

